

# Os Homens Pacatos Não Fazem História: José de Alencar, Quase Quatro Décadas Depois do 1º Centenário

Odalice de Castro Silva<sup>1</sup>

*Aborrecer o passado ou idolatrá-lo vem a dar no mesmo vício; o vício de uns que não descobrem a filiação dos tempos, e datam de si mesmos a aurora humana, e de outros que imaginam que o espírito do homem deixou as asas no caminho e entre a pé num charco. Da primeira opinião têm desculpa os moços, porque estão na idade em que a irreflexão é condição de bravura; em que um pouco de injustiça para com o passado é essencial à conquista do futuro. Nem os novos poetas aborrecem o que foi; limitam-se a procurar alguma coisa diferente. [...] Digo aos moços que a verdadeira ciência não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo eficaz de mostrar que se possui um processo científico, não é proclamá-lo a todos os instantes, mas aplicá-lo oportunamente.*

Machado de Assis

## Prelúdio

Uma revisão historiográfica da obra de José de Alencar, da parte daqueles que a tiveram incluída em suas leituras, as de formação, quando o crescimento intelectual, cultural e humano dos estudantes tinha por base os clássicos, necessários para uma compreensão das bases de nossa nacionalidade,

---

<sup>1</sup> Professora associada de Teoria da Literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC).

tanto política quanto literária, essa revisão não acontece sem um envolvimento afetivo com os vários romances que passaram a fazer parte de um imaginário também importante para a construção dos processos de identidade de cada um de nós, com nosso passado fundador, com as origens, com as etnias que miscigenaram as várias regiões do Brasil.

Do envolvimento afetivo com a língua portuguesa ensinada por Alencar e por outros que estão nas origens de nossa literatura, entramos para a percepção das diferenças desenhadas pela paisagem, feita de tantos elementos próprios de cada ponto de nosso território, dos tipos humanos que foram nascendo das trocas com os que aqui já estavam e com aqueles que aqui aportaram, trazendo outros mundos em suas lembranças, para que, em nossas paragens, elas fossem refeitas pelo confronto, pelo choque, pelo embate, movimentos necessários para o surgimento do que cada um de nós é para o seu semelhante: o outro.

Retornar às raízes da literatura brasileira, através de um evento que reuniu diversos colaboradores, de diferentes épocas, significa sobretudo experimentar o gesto de ler a sua palavra, sob vários matizes e gêneros, para ouvir a voz que defendeu uma forma toda particular de comunicar percepção, entendimento, emoção e sentimento, intenção crítica, adquiridos, ao longo de sua experiência de vida, entre o nascedouro, o Ceará, e os lugares em que fez seus estudos, até estabelecer-se no Rio de Janeiro, à sua época, o centro para o qual convergiam as pessoas que criavam, pensavam e produziam ideias, expressões que interpretavam a relação de cada um deles com o seu país.

José de Alencar era ensinado com os outros escritores e poetas que abriam as riquezas linguísticas com que descobríamos a nossa história com palavras e expressões de uma linguagem que, antes que acabasse o século XIX, marcaria a intenção e o propósito de fazer, das mais diferentes cores do Brasil, uma maneira de criar seus símbolos, de expor seus mitos, de encenar suas crenças e particularidades.

José de Alencar tornar-se-ia, do momento em que seus escritos passaram a abrir as seletas, as coletâneas, as antologias com as quais as estruturas linguísticas nos aparelhavam para pensar e dizer das nossas descobertas, a grande referência de nossa nacionalidade. As páginas de *O guarani*, de *Iracema*, de *Senhora*, entre outras, ensinavam-nos a apreender as leituras do próprio Alencar, a descobrir, de forma figurada e simbólica, entre as informações confusas, esparsas, um tanto recortadas dos séculos insistentemente contados através de

imagens de difícil apreensão, como se não falassem de nós, o que acontecia com os manuais utilizados nas salas de aula para recortar os grandes nomes, os heróis inatingíveis da história oficial do Brasil.

Com Alencar tem início uma trajetória marcada pela responsabilidade do intelectual de construir maneiras de interpretar para o seu povo, por precários que fossem os meios àquela época, para um país de tais dimensões, os muitos jeitos de ser brasileiro.

## Um livro de homenagens

Um livro como *Alencar, 100 anos depois. Homenagem da Academia Cearense de Letras ao escritor José Martiniano de Alencar, no centenário de sua morte* significa, também, além de louvações, uma oportunidade para, através do cruzamento de pelo menos três temporalidades, promover necessárias revisões críticas, as quais exigem posicionamentos metodológicos, ideológicos e epistemológicos. O objeto da homenagem – um nome consagrado como o de José de Alencar (1829-1877) – está ligado a uma obra com várias aberturas interdiscursivas, a vários direcionamentos de leitura, em virtude de sua personalidade de polímata e de polígrafo, num contexto sócio-político-filosófico de cruzamentos entre conceitos que dominaram as décadas de 1850 a 1890.

Descontados os anos póstumos, ou os do fechamento do período produtivo, de 1850 a 1877, as publicações foram acontecendo até ultrapassarem a década de 1890; como exemplo, o texto precioso *Como e por que sou romancista*, dado a público em 1893.

A coletânea em questão desenha um cruzamento de três vetores, uma vez que, diante de seus textos, cravam-se três perspectivas: o do período propriamente dito de construção da obra de Alencar, conjugada às suas atividades de intelectual, escritor, homem público e jurista; o segundo, o da reunião de escritos datados de diferentes momentos. Salvo nove textos sem data, doze estão apontados como de 1913, 1920, 1929, 1949, 1960, 1965, 1969, 1972, 1977; o terceiro, o destas considerações, está acentuado pela ansiedade da intercessão que favoreça uma percepção de Alencar em processo de escrita, contemplado por diferentes marcas do tempo, nos textos e nos leitores, igualmente cruzamentos de mundos.

O conjunto dos escritos pode ser agrupado em seis tipos de textos: a) bibliográficos – 3; b) memorialísticos – 4; c) crítico-temáticos – 8; d) jurídicos

– 2; e) políticos; f) de outros assuntos: sobre a “jurema” e sobre “zoogeografia” ou a fauna cearense nos romances de Alencar.

Sob diferentes rubricas de gênero, os textos transitam entre as atividades de José de Alencar, a formação acadêmica, o período inicial dedicado ao jornalismo, as fases de intensa produção literária, a atuação política, o declínio, a doença, o fim da vida, os estudos dirigidos para as formas de expressão que o notabilizaram como ficcionista e crítico de ideias e, sobretudo, como idealizador de representações e imagens do Brasil, de sua constituição étnica concentrada nos índios e nos brancos e outras origens de imigrantes, sem desprezar a polêmica quanto à etnia ocultada: a contribuição das várias nações negras que passaram, ao longo de pelo menos três séculos já, a se misturar às duas etnias citadas.

Entre “traços biográficos”, sua genealogia, seu talento, sua popularidade, sua grandeza, sua rebeldia, sua poética, a análise que os vários trabalhos trazem da estrutura da linguagem, da caracterização dos tipos humanos e brasileiros ou aculturados, das paisagens (indígena, urbana, regional) de suas histórias, os artigos, tanto os mais curtos, de poucas páginas, quanto os mais extensos, como o último, que ocupa, na coletânea, cento e cinquenta e quatro páginas, rompendo certa harmonia na composição da coletânea, adotam uma postura elegíaca, eximindo-se os que poderiam fazê-lo, como o artigo assinado por Rubens Falcão, com texto datado de maio de 1977, de tecer algumas indagações acerca de escolhas e decisões de sua postura política, ao estudar algumas particularidades do homem público em “Alencar – político e estadista”, acerca da “conspiração do silêncio”, a despeito de ser “o mais nacionalista dos escritores nacionais”.

Pelo tempo em que Alencar escrevia *O guarani* (1857), as designações “poesia americana” e “poeta moderno”, como encontramos nas reflexões de Machado de Assis (1839-1908), já eram usadas como bastante indicativas de certa exaustão romântica e relacionavam-se mais a uma forma de perceber e interpretar as mudanças, da metade para o fim do século. Tais designações utilizadas em “A nova geração” (1879) e “José de Alencar: Iracema” (1866) aplicam-se à geração que buscava, entre o passado e o futuro, compreender as linhas de força do tempo e expressá-las com as correntes que pareciam se movimentar em direções contrárias, provocando os inevitáveis choques de ideias e de tendências do pensamento.

Machado de Assis examina, com desgosto, que “não se leem muito os clássicos no Brasil”<sup>2</sup>. Tal constatação, nascida de dentro da análise das novas

<sup>2</sup> ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1986. p. 809.

tendências, leva-o a examinar, igualmente, a contribuição dos antigos para as novas gerações, buscando o crítico o equilíbrio entre a experiência dos antigos e a precipitação dos novos:

Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas [dos clássicos] mais apurados da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas, – não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum<sup>3</sup>.

Na avaliação de “Instinto de nacionalidade” (1873), Machado de Assis discute o que ele denomina de “quadros de singular efeito”<sup>4</sup>, como os que expõem a luta do “elemento bárbaro com o civilizado”; cita de Gonçalves Dias *Os timbiras* (1857) e de José de Alencar, *Iracema* (1865) e afirma que “neste ponto manifesta-se uma opinião que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura”<sup>5</sup>. O pensamento de Alencar abarca outra percepção, ou seja, uma percepção integralizadora, a qual pode ser ilustrada com os argumentos de Célia Pedrosa:

A pluralidade e a ambiguidade dos efeitos do nacionalismo podem ser facilmente constatadas mediante a observação do processo de formação da literatura brasileira, em que desempenhou um papel fundamental. Foi em torno de sua bandeira que se organizou o movimento romântico, responsável pela consolidação de nossa atividade literária, seja no âmbito da criação, seja no da crítica e da historiografia<sup>6</sup>.

Não é outra a percepção de Antonio Candido, conforme exposta em *Formação da literatura brasileira*. Sem dúvida que “nacionalismo” e “cor local” tornam-se as insígnias dos ideais românticos: o primeiro, por assentar as bases da autonomia nacional, inclusive do ponto de vista artístico, como se este dependesse daquela; a segunda, designada como identificação ou

<sup>3</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1986. p. 809.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 803.

<sup>5</sup> *Ibidem*.

<sup>6</sup> PEDROSA, Célia. Nacionalismo literário. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 289.

substituta das marcas regionalistas, através dos costumes, tipos humanos, heranças culturais, até paisagem, incluindo os elementos que particularizam e separam a origem do escritor e as escolhas dele de partir de suas raízes. O que causa certa estranheza é o fato de que as historiografias literárias tomam por regionalistas as produções de extração nordestina, especialmente aquela classificada como o “romance de 30”. Quanto às produções oriundas de outras localidades, mais próximas ou situadas nos grandes centros, careceriam de traços regionalistas, pois estes ter-se-iam abstraído em meio à dispersão, perdendo, por mínima que seja, qualquer identificação com pertencimento regional.

### **Escritos bibliográficos**

No primeiro grupo do livro do 1º centenário, os trabalhos designados como bibliográficos, temos: “José de Alencar”, verbete do *Dicionário bio-bibliográfico cearense*, do Barão de Studart, Fortaleza, Tipo-Litografia a vapor, 1913, 2º vol.; “Descendência de José de Alencar”, sem autor declarado, apresenta os nomes dos descendentes de José de Alencar e Georgiana Augusta Cochrane, ou seja, de seus seis filhos, e sem comentários adicionais; e “José M. de Alencar”, por Gladstone Chaves de Melo, escrito no esquema: I – “Traços biográficos”, II – “Obras”, III – “Fontes para estudo”, contendo um total de 65 referências bibliográficas de sua fortuna crítica, e IV – “Significação de sua obra”, destacando o item III, os temas, o “indigenismo”, a linguagem, sobretudo a liberdade assumida por Alencar em relação aos clássicos lusitanos, em defesa de um estilo brasileiro de escrita. O texto de Gladstone Chaves de Melo foi extraído da edição de *Iracema*, de 1948, publicada pelo Instituto Nacional do Livro, vol. XXII da Biblioteca Popular Brasileira.

### **Escritos crítico-memorialísticos**

O segundo grupo, de textos críticos e memorialísticos, está composto por cinco trabalhos: “José de Alencar”, por Mário de Alencar, de *Páginas escolhidas*, de 29 de julho de 1920, o qual procura inserir a obra de Alencar entre outras de grande notoriedade, destacando a alta qualidade que seus trabalhos alcançaram. Além de uma tomada geral do estilo do escritor, como aquele que abria caminho para o toque da diferença para com os que haviam iniciado,

desde os começos do século XIX, a prática das histórias por capítulos, Mário de Alencar refere-se às duas fases criativas: “a do poeta de ficção, de 1855 a 1868, e a do político, de 1868 a 1877”<sup>7</sup>.

“O talento poético de Alencar segundo a crítica”, de Joaryvar Macedo, sem data, enfatiza o domínio da linguagem poética, entendida no sentido de procedimento formal, de construção de metáforas. Nesse campo, o autor do trabalho chama a atenção para os cinco livros em versos deixados inéditos e para a publicação de *Os filhos de Tupã* (1877), pela *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

De Filgueiras Lima, “Alencar e a terra de Iracema”, originalmente uma conferência apresentada em São Paulo, no auditório de *A Gazeta*, em 1929, está dividido nas seções “Alencar e a língua portuguesa”, “Alencar e o indianismo”, “Alencar e Machado de Assis”, “O estilo de Alencar”, “Alencar – político e patriota” e “Alencar e a terra de Iracema”. Esse trabalho, com as divisões mencionadas, escrito depois de cinquenta e dois anos da morte de Alencar, toma por finalidade uma ampla revisão da obra, em seus diferentes gêneros, bem como o cultivo da língua, a criação de uma genuína literatura brasileira. Ao estabelecer, em relação a José de Alencar, as escolhas estilísticas de Machado de Assis, quanto a temas e formas, enfatiza o alcance universalista dos personagens machadianos.

O quarto artigo, de Antonio Sales, autor de *Aves de arribação* (1914), intitulado “José de Alencar e Machado de Assis”, sem data, e o quinto, “Popularidade”, de M. Cavalcanti Proença, retirado de *José de Alencar na literatura brasileira*, de 1972, tratam da recepção dos romances de Alencar. Reconhecendo, todavia, as dificuldades de leitura por parte das pessoas simples do povo, os títulos, os nomes dos personagens, de lugares relacionados a enredos, a passagens de seus livros mais famosos, como *Iracema* e *O guarani*, fazem parte da memória de, pelo menos, gerações até meados do século XX, modificando-se essa recepção com as gerações de 1980 até os dias que correm, quando as alegativas de distanciamento dos leitores se devem a dificuldades com o léxico desses mesmos livros. Os pesquisadores têm conhecimento de que o léxico não pode ser responsabilizado por certo afastamento de leitores menos cultos, pelo menos exclusivamente, pois outros fatores colaboram para a formação do gosto dos leitores.

<sup>7</sup> ALENCAR, Mário de. José de Alencar. In: ALENCAR, 100 anos depois. Homenagem da Academia Cearense de Letras ao escritor José Martiniano de Alencar, no centenário de sua morte. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 20.

## Escritos crítico-temáticos

Sob a rubrica “Escritos crítico-temáticos”, ou o terceiro grupo, arrolam-se sete trabalhos: “Paisagem humana no romance alencarino”, de Waldemir Miranda, escrito no Recife e datado de 20 de outubro de 1977, relaciona vivências de Alencar em Pernambuco, em especial Olinda, onde estudou, conforme anotou em *Como e por que sou romancista*:

Foi somente em 1848 que ressurgiu em mim a veia do romance. [...] Em Olinda [...] e na velha biblioteca do convento de São Bento a ler os cronistas da era colonial, desenhavam-se a cada instante na tela das reminiscências as paisagens do meu pátrio Ceará<sup>8</sup>.

O autor apresenta uma trajetória da construção dos romances, liga-a a momentos-chave da vida de Alencar, enquanto destaca a maturidade no trato com a estrutura do texto romanesco e com a linguagem poética.

Oscar Mendes, com “José de Alencar – romances urbanos” (1969), o qual assina também a apresentação “José de Alencar – romances indianistas” (1968) para a Coleção Nossos Clássicos, da Editora Agir, Rio de Janeiro – coleção que popularizou o método de “explicação de texto”, organizado dentro do esquema vida-obra-contexto-antologia-esclarecimentos lexicais em pé de página, para as dificuldades de leitura dos textos escolhidos –, procura entregar ao leitor uma espécie de interpretação relacional dos elementos esquematizados.

Nesse método, a situação do escritor, os embates para produzir e fazer sua obra conhecida e alcançar a legitimação dos meios competentes articulam-se a um “estudo crítico”, de modo que o leitor aprenda a relacionar Alencar ao conjunto do metassistema de que depende sua atuação como intelectual e como autor de peças de ficção. Por esse método, a obra e o seu autor são inseparáveis, sem que o crítico recorra a causalismos ou a justificações difíceis de serem operacionalizadas no âmbito textual. Para Otacílio Colares, o seu objetivo era destacar,

na prosa até certo ponto despolicada do jornalista do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro*, um retrato, a seu modo singular, de uma realidade nacional, estereotipada, não na província, ainda de moldes colonialistas por óbvias motivações históricas, sim, na metrópole que de tal condição começava a conscientizar-se<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Apud MIRANDA, Waldemir. Paisagem humana no romance alencarino. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 85.

<sup>9</sup> COLARES, Otacílio. A grandeza do cronista Alencar na valorização do dia-a-dia. In:

E, ao mesmo tempo, enfatizar o entrelaçamento, no dia a dia do escritor, com a vida política do país, através de sua posição corajosa, de escritos para a conscientização dos leitores e de escritos ficcionais.

Raimundo de Menezes, com “José de Alencar e o teatro”, parte do livro *José de Alencar*, de 1965, situa a produção das peças de teatro *O Rio de Janeiro (verso e reverso)*, *O demônio familiar*, *O crédito*, *As asas de um anjo*, entre 1857 e 1858, para demorar-se nas polêmicas que animaram a cena pública do Rio de Janeiro, envolvendo os espectadores, os que frequentavam as salas de espetáculo, as páginas de crítica teatral e o papel do próprio autor, dividido entre ser escritor de comédias e dramas e censor do Conservatório Dramático. Sobre a resposta de Alencar à proibição de *As asas de um anjo*, pela polícia, na pessoa de Isidoro Borges Monteiro, é importante destacar que Alencar podia manifestar-se através do jornal, o meio eficaz de participar das falas que se cruzavam nos pontos de reunião dos intelectuais e autoridades sobre os pontos de incidência da suspensão da peça. Alencar resolve, então, dá-la à leitura, publicando-a, posteriormente, a 29 de novembro de 1859, em cujo “Prefácio” o autor afirma seu desgosto: “no momento em que tudo me afasta das lidas literárias”<sup>10</sup>. Ainda os leitores esperariam sete anos pela publicação de *Iracema* (1865), quando o autor entraria para outra fase de sua vida.

Manoel Albano Amora, com “José de Alencar, poeta”, em contribuição acerca do escritor como autor de escritos em versos, compara-o a Machado de Assis, aproximando-os o fato de que ambos os escritores notabilizaram-se pela escrita em prosa. No entanto, a linguagem poética opera como uma fonte de signos para os diferentes gêneros que os dois escritores cultivaram. Os poemas de Alencar, em sua maioria, foram divulgados pelo *Correio Mercantil*, bem como pela *Revista Ilustrada*, em 1881, “quando a pátria já perdera um dos seus maiores vultos”<sup>11</sup>.

“Alencar em ‘Senhora’”, de José Valdivino, procura destacar, no penúltimo romance do escritor, de 1875, alguns aspectos de sua vida pessoal que teriam agido como inspiradores do romance. É inegável a obstinação de algumas leituras da obra de Alencar em tratá-la como reflexo biográfico. Não deixa de despertar nos leitores um ponto de curiosidade a tentativa de buscar

---

ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 131.

<sup>10</sup> Apud MENEZES, Raimundo de. José de Alencar e o teatro. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 162.

<sup>11</sup> AMORA, Manoel Albano. José de Alencar, poeta. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 185.

no temperamento, nos hábitos e até em alguns episódios tornados públicos ou, em muitos casos, fantasiados, da vida de Alencar uma espécie de “transferência” para seus personagens, como na interpretação de Raimundo de Menezes e confirmada por José Valdivino: “Alencar, quando moço, passou por certa angústia, rejeitado, em pleno salão de dança, por um certo par feminino... Vingança? Transposição psicológica? Ora, essa transferência é sensível em Aurélia”<sup>12</sup>.

O ficcionista e o jornalista produzem histórias e crônicas de tão perto que a leitura crítica apressa-se a concluir por uma solução difícil de estabelecer no discurso como estratégica de linguagem. A “Crítica literária”, com Machado de Assis, já alterara essa “transferência”, ao chamar a atenção dos praticantes da crítica para a “ciência literária”, para “as leis poéticas”: “a ciência e a consciência, eis as duas condições principais para exercer a crítica”<sup>13</sup>. Os elementos formais em primeiro plano, eis a recomendação machadiana, um formalista *avant la lettre*. O memorialismo e a biografia tomarão a seu encargo o que lhes é próprio, com os pesquisadores que cuidarão do estabelecimento dos limites do discurso e de suas interações específicas.

Com “Releitura de Iracema”, o historiador da literatura cearense Sânzio de Azevedo constrói uma análise, tanto de natureza estilística quanto historiográfica. O ensaio desenvolve uma apreciação crítica mais acentuada nas fronteiras entre poesia e prosa romanesca na linguagem de *Iracema*, enquanto também analisa a etimologia de palavras-chave da narrativa, contribuindo para despertar a intenção do leitor para particularidades do romance, como a presença de léxico indígena examinado como não apenas um cenário ao longe, mas como parte da estrutura e da sustentação mítica do livro. A preocupação formal de Alencar e a fidelidade histórica, inclusive em fornecer fontes de consulta para os pesquisadores relativas aos personagens históricos, são patentes, e a segunda é comprovada de forma documental; entre eles, citam-se Martim Soares Moreno, Antonio Filipe Camarão (Poti), Jerônimo de Albuquerque, referidos no “Argumento histórico” sobre o povoamento do Ceará. Reforçam as contribuições acerca da “lenda” e da história as pesquisas de Capistrano de Abreu, Heitor Marçal, Braga Montenegro, Raimundo Girão, entre outros

---

<sup>12</sup> VALDIVINO, José. Alencar em “Senhora”. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 257-258.

<sup>13</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1986. p. 799. O texto de Machado de Assis data de 8 de outubro de 1865.

estudiosos da obra de Alencar. O historiador Sânzio de Azevedo empreendeu estudo de variantes para a edição comemorativa de 140 anos de *Iracema*, ao examinar a edição príncipe, de 1865, pela tipografia de Vianna & Filhos, e a 8ª edição revista por Mário de Alencar, editada pela Livraria Garnier, em 1910, concluindo que “o texto lido e considerado obra prima por Machado de Assis não é rigorosamente o mesmo que hoje se lê”<sup>14</sup> se comparado com “publicações posteriores do mesmo romance”.

## Escritos político-jurídicos

Acerca das atividades políticas do autor em pauta, temos dois trabalhos. O primeiro, “José de Alencar – contribuição ao estudo de uma personalidade política”, do Senador Thomaz Rodrigues, é a transcrição do discurso proferido na sessão de 15 de maio de 1929, no Senado Federal, por ocasião do 1º centenário de nascimento do escritor cearense, o qual destaca a importância de sua figura pública aliada à de criador de linguagens simbólicas em vários gêneros, com tamanha notoriedade:

No Brasil não há exemplo de uma inteligência que, em tão poucos anos, se tenha elevado tão alto, se tenha multiplicado por tal forma, produzindo tanto e com uma projeção tão acentuada sobre toda a nossa vida intelectual, literária e artística<sup>15</sup>.

O segundo, “Alencar – político e estadista”, de Rubens Falcão, com a indicação “Niterói, maio de 1977”, destaca os méritos da trajetória política de Alencar, suas dificuldades e a vitória final de sua integridade e convicções, após ser preterido à “câmara vitalícia”, pelo imperador, com quem tivera desentendimentos. Rubens Falcão sintetiza o esforço e as conquistas em área de difícil competição, com palavras de Araripe Júnior:

por um esforço sem exemplo, conseguiu romper os obstáculos que o afastavam da tribuna, teve dias no parlamento de verdadeiras glórias

<sup>14</sup> AZEVEDO, Sânzio de. In: GUTIÉRREZ, Angela e AZEVEDO, Sânzio de. (Orgs.). *140 anos de Iracema*. Lenda do Ceará – José de Alencar. Edição bilíngue português-francês. Fortaleza: Edições UFC, 2005. p. 47.

<sup>15</sup> RODRIGUES, Thomaz. José de Alencar – contribuição ao estudo de uma personalidade política. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 195.

oratórias. Há discursos seus que revelam uma força de vontade admirável; é quase incrível que aquele homem houvesse, com o estudo de gabinete, chegado a adquirir qualidades que só o exercício e a luta concedem, por último, aos esforçados, como prêmio de incessantes sacrifícios<sup>16</sup>.

O trabalho de Rubens Falcão enfatiza a “conspiração do silêncio” que cercou Alencar, da parte dos jornais, chegando mesmo à indiferença e ao menosprezo, inclusive o *Correio Mercantil*, do qual fora, “por longos anos”, segundo Araripe Júnior, folhetinista. Aos poucos, mesmo os inimigos de polêmica, os contrários às suas ideias, como Sílvio Romero, defensor da escola moderna, poderão afirmar: “não ficou recanto de nosso viver histórico-social em que não tivesse lançado um raio de seu espírito”. Para Rubens Falcão, esse era o Sílvio Romero já penitente<sup>17</sup>.

Sobre as atividades de Alencar como jurista constam dois trabalhos: o primeiro, “José de Alencar, jurista”, de Fran Martins, tem por fonte o livro *Pareceres de José de Alencar*, publicado no Rio de Janeiro, em 1960, reunião de documentos que o atestam como “estudioso da ciência jurídica”<sup>18</sup>.

Para Arthur Mota, na biografia *José de Alencar (o escritor e o político) – sua vida e sua obra*, de 1921, além da vocação para a literatura, para o jornalismo e a atividade política, “a sua verdadeira profissão, que almejou pelo preparo inicial do seu espírito, a que lhe garantiu os meios de subsistência durante toda a vida foi a de jurisconsulto”<sup>19</sup>.

Os leitores críticos reconhecem que essa faceta de sua vida não recebeu a atenção devida, provavelmente em virtude da atuação como romancista ter superado todas as outras.

Alencar permaneceu por quatro anos, de 1851 a 1855, portanto, com apenas vinte e dois anos ao iniciar-se na carreira de advogado, “como praticante do escritório de advocacia do Dr. Caetano Alberto Soares”, e retomou as atividades do Direito em 1858, ao afastar-se do *Diário do Rio de Janeiro*<sup>20</sup>.

---

<sup>16</sup> *Apud* FALCÃO, Rubens. Alencar – político e estadista. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 251-252.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 254.

<sup>18</sup> MARTINS, Fran. José de Alencar, jurista. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 164.

<sup>19</sup> *Apud ibidem*.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 168 e 169.

Em 1859 foi nomeado para a Seção de Justiça e Estatística e, em seguida, consultor, ou conselheiro, aos trinta anos de idade. Durante nove anos emitiu pareceres como consultor jurídico, além de ter publicado trabalhos ligados à sua atuação como professor de direito mercantil até 1860. Alencar escreveu oitenta e cinco pareceres, datados de até 1864, embora tenha permanecido como conselheiro até 1868. A divulgação desses documentos esclarece a lucidez e a larga visão de Alencar para questões do direito comercial e da propriedade que ainda demorariam, no Brasil, a serem elucidadas com o Código Civil de 1917.

O segundo ensaio acerca da atuação de advogado e de homem político, de Deolindo Amorim, extraído de *Digesto econômico*, tomo V, nº 56, São Paulo, de julho de 1949, destaca dois pontos de grande importância para uma análise relacional das atividades de Alencar enquanto escritor de romances, de teatro, de poesia e como intelectual investido das responsabilidades administrativas, de cargos públicos, entendidas de modo geral. O autor do artigo demora-se em analisar os passos da criação do Tribunal de Contas, anseio e exigência iniciados desde 1826 e realizados apenas em 1890. Entre esses passos, situamos o empenho de José de Alencar em 1861 ao ter seu nome “incluído entre os precursores do Tribunal de Contas”<sup>21</sup>, de cuja justificativa foi responsável Rui Barbosa, em 1891, ao considerá-lo vital para o equilíbrio do corpo administrativo do país.

## Outros temas – ecologia e zooliteratura

Os dois últimos trabalhos, incluídos neste levantamento, como “outros temas”, são específicos sobre referências que Alencar introduziu na relação personagem-espaco-mito em romances de feição indianista e regional, compreendendo os enredos localizados fora do nordeste do Brasil.

O primeiro, de Alcebíades Viana de Paula e José Elias, farmacólogos e professores na Universidade Federal de Minas Gerais, intitulado “A ‘jurema’, alucinógeno indígena na literatura de José de Alencar”, apresenta uma fundamentação científica, inclusive, com a contribuição de muitos outros pesquisadores, para a origem, a composição e os efeitos do “verde licor”, bebida guardada sob segredo pelos pajés, fabricada a partir dos frutos, ou vagens, de acordo com Alencar, mas também preparada “das cascas ou raízes”<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> AMORIM, Deolindo. José de Alencar e o Tribunal de Contas. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 246.

<sup>22</sup> VIANA DE PAULA, Alcebíades; MURAD, José Elias. A “jurema”, alucinógeno indígena

Os esclarecimentos fornecidos pelos dois cientistas imprimem um cunho de seriedade às afirmações de Alencar, expandindo o entendimento dos leitores para uma das passagens mais importantes de *Iracema*, ou seja, a da “cena da libação ritual pela *jurema*”<sup>23</sup>, cujos efeitos Alencar descreve desta forma: “Todos sentem a felicidade tão viva e contínua, que no espaço da noite cuidam viver muitas luas”. Iracema conduz “a igaçaba cheia do verde licor e Araquém [...] decreta os sonhos a cada guerreiro”, [...] “que transporta ao céu o valente Tabajara”<sup>24</sup>.

O segundo, e último trabalho do livro do 1º centenário, por Raimundo Girão, “Bichos cearenses na obra de Alencar”, é classificado pelo autor como pertencente aos estudos de zoogeografia ou ecologia, para dar ciência do “meio ambiente e suas relações com os seres vivos”. No que tange ao “reino animal, é indispensável uma melhor informação sobre o habitat de cada um, para explicar-lhe a presença, as suas migrações, a sua extinção, bem como definir os caracteres próprios de cada espécie”<sup>25</sup>.

Trata-se de trabalho extenso, quando o comparamos com os outros vinte que compõem a coletânea, de 154 páginas, em relação às 453 páginas do livro. O autor organizou um glossário com 155 verbetes de nomes de espécimes do reino animal, próprios do nordeste do Brasil, “uma fauna nordestina”, no dizer de Raimundo Girão, inseridos em situações e espaços nos romances *Iracema* (1865) e *O sertanejo* (1875).

As entradas de cada verbete do glossário, além da classificação científica para cada elemento da fauna, trazem, para enriquecimento da leitura, poemas de escritores nordestinos, entre eles citamos: Antonio Sales, Antonio Furtado, Otacílio de Azevedo, Irineu Filho, Augusto dos Anjos, Pedro Henrique Saraiva Leão, Quintino Cunha, Joaquim Cardoso, Antonio de Castro, Antonio Girão Barroso, Castro Alves, Vasques Filho, Cego Aderaldo, além de fábulas de La Fontaine e trovas populares.

Esse trabalho deu prosseguimento a pesquisas já desenvolvidas anteriormente e que resultaram no livro *Botânica cearense na obra de Alencar*, publicado em Fortaleza, em 1976, conforme palavras do autor:

---

na literatura de José de Alencar. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 293.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 294 (grifo do autor).

<sup>24</sup> *Apud ibid.*

<sup>25</sup> GIRÃO, Raimundo. Bichos cearenses na obra de Alencar. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 299.

aí catalogamos mais de 80 tipos de plantas – desde a frondosa oiticica ao mínimo capim – trazidos por José de Alencar para os textos de seus aludidos livros cearenses – *Iracema* e *O sertanejo*. [...] Além de ilustrá-las com a respectiva classificação científica e com elementos outros de ordem folclórica a que cada qual se prende<sup>26</sup>.

Na herança da cultura portuguesa desenvolvida aos poucos entre os letrados e cultos e os participantes do metassistema literário no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, em meados do século XIX, atravessando a segunda metade do mesmo e arrefecendo depois da Semana de Arte Moderna, para despontar de vez em quando, mas sem popularidade e sem brilho, as polêmicas literárias animaram as letras, situando-se numa espécie de espaço próprio, aquele em que as opiniões se batiam em defesa e acusação, a fim de que, através de argumentos, os meios alcançassem a verdade, o seu fim, enquanto as vozes alteavam-se, muitas vezes com padrinhos e defensores, dividindo-se em grupos que formavam verdadeiros partidos.

Destacam-se como célebres, à época, e até hoje despertam interesse de leitores e pesquisadores de Alencar ou dos movimentos e ideias do século XIX, no Brasil, com ligações ou não com o contexto português, as polêmicas sobre *A confederação dos tamoios*, envolvendo Alencar, Araújo Porto-Alegre e D. Pedro II, acerca do poema épico de Gonçalves de Magalhães (1856), através das sete cartas de Ig. Outra famosa polêmica teve lugar nas páginas do jornal *O Globo*, em 1875, entre Alencar e Joaquim Nabuco, acerca da peça *O jesuíta* (1875), em virtude, e esse foi o motivo inicial da disputa, de Alencar haver atribuído a Independência do Brasil à Companhia de Jesus, conforme os autores de *Duelos no serpentário*<sup>27</sup>.

As discussões travadas nos jornais, durante reuniões, em espaços que proporcionavam a realização desse gênero, parece que amainaram, à medida que o interesse pelos grandes temas e as ideologias que atravessaram praticamente cem anos recuavam, pressionadas por outras que também disputavam tanto espaço físico para se apresentarem, como interessados em dar-lhes atenção. José de Alencar participou ativamente do campo literário e intelectual

<sup>26</sup> GIRÃO, Raimundo. Bichos cearenses na obra de Alencar. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 308.

<sup>27</sup> BUENO, Alexei; ERMAKOFF, George (Org.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil (1850-1950)*. Rio de Janeiro: Ermakoff Ed., 2005. p. 133.

que lhe coube dividir com outros escritores, poetas, políticos, estudiosos, com ouvidos curiosos para o que se propagava da Europa para cá e se transformava em instrumento de mediação entre as questões brasileiras e as formas de uma discussão capaz de competir com as maneiras de entender o que acontecia lá (Portugal) e aqui (Rio de Janeiro e algumas poucas cidades, às quais aportavam tais instrumentos e seus agentes).

Quando as ideologias apontavam para outras tentativas de entender o novo século, isto é, depois que se fechara o circuito 1914-1919-1939-1945 etc., o tempo marcado pela palavra progresso e por todos os seus sortilégios se instalava por volta de 1950<sup>28</sup>. Essa década recebe contribuições importantes até hoje, para melhor compreendermos as repercussões de ideias e acontecimentos que deram início a mudanças no cenário político-filosófico do século XX, entre elas, as das décadas de 1960 a 1980, durante as quais as alterações nas formas de vida e de sobrevivência dividiram as pessoas e os bens – os materiais e os do Espírito, entre estes últimos, a literatura e sua funcionalidade e outros formatos de comunicação<sup>29</sup>.

Dentre as grandes ideologias do século XIX, formas de expressão para os campos do conhecimento que procuravam afirmação e credibilidade, destacam-se, em conjunto, os meios através dos quais José de Alencar, tendo afinidades profundas com a poesia americana, estava consciente de que o experimentalismo avançava através de diferentes formas de realismo desde os *Ensaaios literários*, publicados em São Paulo, em 1846, até 1877, quando encerra seus escritos, afora a lista de obras inéditas e inconclusas<sup>30</sup>. Alencar provocou debates, desafiou os muitos ângulos mesmo depois que vários *ismos*, sob diferentes formatos, passaram a disputar a nossa capacidade de pensar e ponderar a respeito dos graves problemas e conflitos das culturas, que, em processo acelerado, têm mudado o conceito de nação e de sua gente, num tempo em que se inscreve o nome de Alencar e se reconhecem os méritos que o cercam, quando alguns tentam ainda a “conspiração do silêncio”. A obra de Alencar e seus leitores atestam que apenas os suficientemente ousados, apesar de todas as precariedades, “fazem história”.

---

<sup>28</sup> KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise no século XX*. São Paulo: Ática, 1991.

<sup>29</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1973.

<sup>30</sup> CHAVES DE MELO, Gladstone. José M. de Alencar. In: ALENCAR, 100 anos depois. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977. p. 36-38.

## Referências bibliográficas

ALENCAR, 100 anos depois. Homenagem da Academia Cearense de Letras ao escritor José Martiniano de Alencar, no centenário de sua morte. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1977.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1986.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1973.

BUENO, Alexei; ERMAKOFF, George (Org.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil (1850-1950)*. Rio de Janeiro: Er-makoff Ed., 2005.

GUTIÉRREZ, Angela; AZEVEDO, Sânzio de. *140 anos de Iracema*. Lenda do Ceará – José de Alencar. Edição bilíngue português-francês. Fortaleza: Edições UFC, 2005.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise no século XX*. São Paulo: Ática, 1991.

PEDROSA, Célia. Nacionalismo literário. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.